

*Resquício colonial e propensão decolonial na poética de
Odete Semedo: um diálogo com a poesia de Edimilson de
Almeida Pereira*

Eusébio Djú¹

RESUMO: O presente trabalho tem como objetivo analisar os poemas de *No fundo do canto* (2007), da poeta guineense, Odete Semedo, em diálogo com o poeta brasileiro, Edimilson de Almeida Pereira, com a hipótese de que essas produções poéticas retratam fatos históricos próprios ao processo colonial extrativista. Como metodologia, utilizamos estudos que ressignificam essas produções poéticas como decoloniais e denunciadoras do processo colonial (AUGEL, 2007; SILVA, 2010; BISPO, 2013; LEITE, 2014; DJÚ, 2021). Assim, considera-se que Edimilson de Almeida Pereira aborda em sua poética a relação entre etnocentrismo e poesia como projeto literário, propondo um discurso poético-filosófico que pensa a relação entre colonização, descolonização e trabalho escravo. Os elementos constituintes de sua linguagem poética fazem de seus poemas um discurso em ação e ressignificam seus poemas como uma teia, na qual passado, presente e futuro estão ligados. Com essa perspectiva, compreendemos como Odete Semedo se comunica poeticamente com Edimilson de Almeida Pereira, quando, em sua arte poética, descreve da mesma forma o triste contexto da colonização, denunciando-o como processo violento, destrutivo e excludente dos saberes tradicionais dos povos africanos. Por fim, este estudo comparativo visa contribuir para a compreensão dos temas basilares desses dois poetas que reivindicam as liberdades individuais e coletivas das pessoas no mundo.

Palavras-chave: Odete Semedo; Edimilson de Almeida Pereira; Poética de língua portuguesa; Colonização; Decolonialidade.

A propensão crítica dos poetas guineenses durante o processo da colonização da Guiné-Bissau esteve ligada à exigência da independência do país, à liberdade de expressão cultural e à denúncia de maus tratos, tortura e violações dos direitos do povo autóctone. Neste sentido, destacam-se os poetas Amílcar Lopes Cabral, José Carlos Schwarz, Vasco Cabral, cuja poesia destemida em solo guineense caracteriza este momento de luta contra o poder colonial hegemônico, que desprezava a cultura endógena guineense.

Contudo, poetas pós-coloniais como Odete Semedo, Félix Sigá, Tony Tcheka (LEITE, 2014), respectivamente poetas guineenses, além de continuarem a reunir aspectos do passado histórico colonial do país, estabelecem uma relação entre o passado, o presente e o futuro do país, selecionando assim temas como o amor à cultura do país, a esperança, a exigência de melhoria das condições de vida de toda a população do país, a unidade nacional, o multiculturalismo, o multipartidarismo, o multilinguismo, a valorização das tradições locais, a exposição da má governação do país e o uso da força para resolver problemas nacionais imperativos, a corrupção, a instabilidade política e econômica. Neste cálculo, Odete Semedo

¹ Doutorando em Estudos de Literatura pela Universidade Federal Fluminense, UFF, bolsista da Capes: e-mail: eusebiodju@id.uff.br.

enquadra-se neste período pós-independência da Guiné-Bissau, com a sua poética, a sua retumbante integração de aspectos sociopolíticos e culturais, e com um forte espírito crítico sobre a condição socioeconômica em que se encontra o país (BISPO, 2013, p. 47).

É por isso que este estudo reflete sobre sua poética, com o objetivo de analisá-la em diálogo com a poesia de Edimilson de Almeida Pereira, partindo da ideia de que suas produções poéticas tratam de fatos históricos, do processo colonial abusivo e extrativista. É possível compreendê-los em particular através do discurso poético de Semedo, extraído do poema “Discurso de *urdumunhu*” presente no livro *No fundo do canto* (2007, p. 151), de Odete Semedo, em que o sujeito poético diz: “[...] é vício colonial/ tracto/ entre patrão e freguês/ nada mais burguês” (SEMEDO, 2007, p. 151). A poeta chama a atenção dos seus concidadãos por se comportarem da mesma forma que o colonizador português durante o processo da colonização da Guiné-Bissau. Quando existia uma hierarquia que tornava os autóctones dependentes das instruções salariais definidas pelo colonizador português.

Assim, para o leitor apaixonado pela literatura guineense, a poética de Odete Semedo significaria uma forma de ficcionalização da tradição africana, da memória coletiva, da diversidade linguística, da escolha de uma língua nacional comum, da denúncia da má administração do país, violência cometida pela colonização europeia. Contudo, para o leitor comum da literatura guineense, a poética de Odete Semedo seria um testemunho das guerras que ocorreram no país, segundo Monaliza Rios Silva (2010), da situação política e econômica, das tradições guineenses e da falta de preparação dos líderes nacionais para fazerem o trabalho necessário para catapultar o país. E todos estes elementos anunciados fazem parte das probabilidades interpretativas em harmonia com a escrita poética da autora: entre o real e o ideal entrelaçam-se, através de tropos, ironia, hipérbole. Esta última figura de linguagem utilizada em seus escritos é compreendida pelo leitor que possui um sólido conhecimento da realidade retratada pela poeta. Há sim uma hipérbole no tratamento de certos aspectos coloniais do país, mas também das guerras, em que vimos as características e semelhanças desta poesia com a poesia de Edimilson de Almeida Pereira, por exemplo, nos seus principais temas contextuais. Assim, ao ler o objeto deste estudo, à primeira vista, as adjacências provocativas são os termos colonial e decolonial.

Para Aníbal Quijano (2005), colonial refere-se à colonização, que é um processo pelo qual um determinado povo procurou conquistar outro povo, estabelecendo e explorando os seus recursos naturais, impondo os seus costumes, exercendo o poder político e administrativo, violando direitos pessoais e coletivos dessas pessoas, usando a força.

Refletindo sobre isso, a colonização pode ser vista através dos elementos constitutivos e específicos do modelo global de poder capitalista, apoiado na imposição de uma classificação étnico-racial da população mundial como pedra angular do modelo de poder que visa e opera sobre todos os aspectos materiais e subjetivos da existência social diária em escala global. E consolida-se a colonialidade/modernidade eurocêntrica: uma concepção de humanidade segundo a qual a população mundial é diferenciada em inferior e superior, irracional e racional, primitiva e civilizada, tradicional e moderna (QUIJANO, 2005, p. 73-75). Ainda em Quijano (2005, p. 73), o colonialismo refere-se especificamente a uma estrutura de dominação e exploração em que o controle da autoridade política administrativa, dos meios de produção e de trabalho de uma determinada população domina outra e cuja sede está localizada em outra jurisdição territorial.

Seguindo este ponto de vista de Quijano, entende que decolonial refere-se à decolonialidade, apreciada como forma de resistir e desconstruir os modelos, conceitos e perspectivas impostas aos povos colonizados e subalternos, e também constitui uma crítica direta à colonialidade e ao capitalismo. Pois bem, essa propensão conceitual do termo vem do movimento denominado “giro decolonial”, fundado por vários intelectuais em 1998, cujo encontro apoiado pela CLACSO foi realizado pela primeira vez na Universidade Central da Venezuela na presença de Edgardo Lander, Arthuro Escobar, Walter Mignolo, Enrique Dussel, Aníbal Quijano e Fernando Coronil (BALLESTRIN, 2013, p. 97).

Ao examinar isto, torna-se claro que é sobre esta propensão decolonial que Odete Semedo escreve o seu poema sob o título: “Em que língua escrever” (1996, p. 11), porque face à língua do colonizador português que domina a escrita utilizada em documentos oficiais, trabalhos escolares, ensaios acadêmicos e ficção literária. Esta atitude equivale a manter os valores coloniais em detrimento dos valores dos povos autóctones, que exigiam a livre expressão dos seus pensamentos e valores culturais.

Neste poema, é inegável que a autora se preocupa com sua escrita poética por causa das línguas faladas e de apenas uma língua utilizada na escrita oficial do país. Com base na nossa experiência neste território da Guiné-Bissau, é capital sublinhar que a única língua do país que exige proficiência escrita é o português. Sabendo disso, a forma de pensar a ficção literária para ter leitor nacional deve, portanto, interessar aos escritores deste país para que o leitor possa escolher texto literário cuja língua domine a leitura e a inteligibilidade textual.

Desde então, Odete Semedo pergunta ao seu leitor em que língua gostaria que escrevesse sobre o que se diz na sociedade guineense. Assim, esta propensão decolonial que mencionamos insere-se na avaliação crítica contra o prestígio permanente da língua do

colonizador português que permeia todas as atividades administrativas do país, em geral. Porque na Guiné-Bissau falta um número suficiente de usuários da língua portuguesa para que esta continue a servir de língua para todas atividades administrativas realizadas no país. Assim, considerando o poema “motim” (2019, p. 32), de Edimilson de Almeida Pereira, o apelo à reflexão decolonial. Isto é válido para compreender a sua atitude quando escreveu este poema, “motim” (2019, p. 32), expondo elementos como “navios” e “igreja”, enquanto aqui ocorria a preponderância colonial portuguesa.

Edimilson de Almeida Pereira, poeta e ensaísta brasileiro, nascido em Juiz de Fora, Brasil, em 18 de julho de 1963, é professor titular da Faculdade de Letras (FALE) da Universidade Federal de Juiz de Fora, UFJF, desde 1991, onde formou-se em literatura vernácula em 1985, obteve mestrado em literatura portuguesa e ciência da religião em 1990. Possui doutorado em comunicação e cultura pela Universidade Federal do Rio de Janeiro (2000) e pós-doutorado pela Universidade de Zurique, Suíça, (2002). É autor premiado em diversos concursos, entre os quais citamos: em 1988, recebeu o primeiro prêmio no Concurso Nacional de Literatura da Editora UFMG, na categoria Poesia, também venceu o Concurso Nacional de Poesia Helena Kolody da Secretaria de Cultura do Paraná, em 1998, e Prêmio Nacional de Literatura da Academia Mineira de Letras, em 2004. Além de poesia, é autor de livros infantis e de diversos estudos sobre literatura brasileira e cultura popular brasileira e afro-brasileira. É reconhecido como um escritor prolífico, e dentre as muitas obras poéticas que escreveu e publicou, selecionamos para este estudo os poemas presentes em seu livro sob o título: Poesia + (antologia 1985-2019) (2019).

Nesse sentido, Edimilson de Almeida Pereira (2019) utiliza os recursos da escrita poética para abordar fatos do passado, presente e futuro. Ele traz para sua tapeçaria poética um sujeito poético que reflete e contempla o mundo e não padroniza a forma dos sujeitos e objetos que habitam este mundo. Seus poemas são de certa forma uma expressão social. Há, portanto, um desafio interessante na sua escrita poética, que acessa os dados dos acontecimentos que garantem a fixação da imagem da memória.

Compreendemos assim que neste fluxo dinâmico de memórias emerge uma hierarquia de memórias, de tragédias que se destacam em detrimento de outras, em que a arte e a poesia podem contribuir para iluminar e realçar determinados fatos de forma a torná-los visíveis às pessoas da sociedade.

Nessa dinâmica, o poeta considera que o poema é uma imaginação sobre esse fato histórico, em que cada um dos poemas é uma provocação para a compreensão desse fato do passado. Seu objetivo é criar uma escrita poética, mostrando sua relação com o acontecimento

histórico. Isso significa que o poema é sobre coisas fictícias feitas por humanos. E ele afiança que quando um fato trágico é captado pelo poema fica muito mais fácil evitar erros em fatos novos.

Nesta perspectiva, e logo a seguir, exporemos os elementos poéticos de dois poetas que tendem a corresponder à memória coletiva, que, segundo Paul Ricoeur (2007), se relaciona com o passado; é a memória de um grupo de indivíduos sobre acontecimentos vividos no passado. Nesse sentido, Maurice Halbwachs (1990) garante que os fatos que os outros nos testemunham exigem que tenham um ponto de confluência com as nossas memórias para serem considerados como memória coletiva. Segundo Eusébio Djú (2021, p. 63), a memória coletiva, nesse sentido, é a memória de um determinado grupo de indivíduos sobre acontecimentos passados que vivenciaram direta ou indiretamente.

Poetas poetizando resquícios coloniais

Maria Odete da Costa Soares Semedo nasceu em Bissau (Guiné-Bissau) a 7 de novembro de 1959. É professora, pesquisadora, educadora, poeta, política e escritora guineense, tendo publicado diversos estudos e livros, entre os quais, destacamos: “Entre o ser e o amar” (1996); “SONÉÁ: histórias e passadas que ouvi contar I” (2000a); “DJÉNIA: histórias e passadas que ouvi contar II” (2000b); “Guiné-Bissau - História, Culturas, Sociedade e Literatura” (2010); “Literaturas da Guiné-Bissau – Cantando os escritos da história” (2011); “No fundo do canto” (2007). Em 1994, participou da redação do livro “Anthologie de Literatures Francophones de l’Afrique de l’Ouest” (1994). Em 1992, traduziu para o guineense o roteiro do filme “Olhos azuis de Yonta”, do cineasta guineense Flora Gomes, tendo participado como assistente da realização deste filme. É uma mulher voltada para o trabalho intelectual, uma mulher moderna, versátil, uma alta funcionária pública, totalmente ligada às profundas e múltiplas raízes de sua pátria, suas crenças e tradições, unida sua família, seus ancestrais e seus mitos. É uma das importantes escritoras africanas contemporâneas pela sua produção intelectual e acadêmica, sendo muitas vezes tratada pelas suas conterrâneas como uma mulher de fibra, envolvida na difusão da tradição oral guineense, empenhada em defender a qualidade do ensino no seu país, razão pela qual dedica a maior parte do seu tempo ao ensino educacional. Desde 1991 é professora da Escola Normal Superior Tchico Té, escola da qual foi diretora de 1991 a 1995, atuando também neste mesmo período como professora adjunta da Universidade Colinas de Boé. Foi professora do Liceu Justado Vieira, de 1978 a 1979. Em 2013, foi membro fundador da Associação de Escritores da Guiné-Bissau e simultaneamente eleita Secretária-Geral. De 8 de janeiro de 2013 a 20 de

setembro de 2014, a convite de Rui Duarte de Barros e Manuel Serifo Nhamadjo, assumiu o cargo de Reitora da Universidade Amílcar Cabral, UAC, sendo a primeira mulher a ocupar este cargo após a sua reestruturação como uma instituição do ensino superior do Estado da Guiné-Bissau (AUGEL, 2007, p. 238, apud DJÚ, 2021, p. 146).

Dito isto, a Guiné-Bissau foi colónia portuguesa até 1973, segundo Moema Parente Augel (2007). É um dos países do mundo que mais sofreu com a destruição do conhecimento cultural pela colonização europeia. Essa ferida mal cicatrizada causada pelo processo colonial moldou a escrita poético-crítica de Odete Semedo, quanto Edimilson de Almeida Pereira, e é certo que a poética crítica de Pereira pode ser melhor lida com esta lupa do Brasil, que sofreu menos com a colonização europeia, em comparação com a Guiné-Bissau, mas que as desigualdades sociais, tendo em conta o processo escravocrata que muito influenciou as relações humanas, o trabalho formal assalariado, a discriminação racial, o racismo estrutural, o preconceito, constituintes da sua linguagem poética, fazem dos seus poemas um discurso em ação e que ressignificam os seus poemas como uma teia, na qual passado, presente e futuro estão ligados.

Além disso, uma mistura de assuntos que confunde o leitor é encontrada nesta poética expressa pelos dois poetas e está presente nos poemas intitulados “Em que língua escrever” (SEMEDO, 1996, p. 11-13) e “Motim” (PEREIRA, 2019, p. 32). O poema “motim”, retirado da antologia poética de Edmilson de Almeida Pereira citada acima, permite ao leitor compreender o contexto da expressão poética que, de diferentes formas, se refere aos povos que enfrentaram o processo de colonização política de seus territórios. De certa forma, Odete Semedo lê poeticamente Edmilson de Almeida Pereira nessas questões históricas sobre a colonização. O referido poema de Odete Semedo, retirado do livro “Entre o ser e o amar” (1996), foi publicado em 1996.

Nesse poema, a preocupação da poeta se manifesta em suas estrofes principais quando diz: “deixarei o recado/num pergaminho/nesta língua lusa/que mal entendo” (1996, p.12). Nesta perspectiva, Semedo reflete sobre um problema: o da “língua” da sua escrita poética e pergunta-se: “em que língua escrever” (?) uma mensagem que deve deixar aos herdeiros desta terra, que possam lê-la para saber como fomos, para que saibam se orientar diante dos obstáculos que acompanham esta vida. Deveria usar a língua do colonizador português ou uma das línguas nacionais, o crioulo da Guiné-Bissau.

Pois bem, na Guiné-Bissau a língua mais falada é o crioulo, mas a língua oficial do país é a do colonizador português. Neste sentido, o resquício colonial faz parte do contexto guineense e é inquietante.

Odete Semedo, na sua arte poética, mostra-o claramente. O português é tratado no país como a língua do regime opressivo, onde foram cometidas crueldades contra os autóctones guineenses. Partindo do fato de o português ainda ser a língua oficial da Guiné-Bissau, podemos dizer que o resquício colonial é inegável e inabalável e que é impossível descolonizá-lo.

Semedo obriga todos a aceitarem a sua escolha. Opta por escrever em português, pois augura a dificuldade de encontrar um leitor inteligível. Considera-se possível continuar a tratar a língua portuguesa como meio de divulgação de aspectos literários e não só. Mas há uma ferida que dói, e como diz Félix Sigá (1996, p. 15) no seu poema “obstinação” (1996, p. 15), “mãos sangrando/ chagas ocultas no toráx”.

Para quem vive na Guiné-Bissau, não ignorará a expressão generalizada de que o português é a língua colonial, tanto que a sua hegemonia permanece tanto nos escritos oficiais do país como nas obras literárias de livre expressão dos vários artistas e académicos do país. E quem expressa corretamente o português recebe o atributo de ser inteligente e digno de honra.

Este poema em questão refere-se, portanto, à colonização da Guiné-Bissau, designando uma língua imposta aos povos indígenas do país, é contextual e só pode ser reconhecido numa perspectiva colonial. Em vez de falarmos da ausência de uma política linguística destinada ao ensino do português na Guiné-Bissau através do governo do país, porque existe uma triste memória colonial ligada à língua em questão, que é um resquício da colonização europeia no país como no poema “motim” (PEREIRA, 2019, p. 32) que mencionamos anteriormente.

Neste poema de Pereira, composto por seis estrofes de dezenove versos, embora possa ser considerado em um contexto diferente dependendo do interesse do estudo, não podemos aqui esgotar sua possível interpretação. Seus principais elementos, que consideramos como resquícios coloniais, “navios” e “capela”, correspondentes a este objeto de estudo, sob a capuz truque, remetem-nos a uma compreensão da estratégia utilizada pelo colonizador europeu “sob a nuca: pólen” para preservar seu poder hegemônico, a capela construída tornou-se um lugar onde os autóctones colonizados eram catequizados e dominados.

Assim, o sujeito poético diz: ele vê “navios” sobrevoando o território disfarçado, mas cresce os “dentes”, atormentando o corpo subalterno. Isto é uma “faca” grossa sob um manto sob a “nuca” mal entende a “cova” em que “pisa”, porque este é um povo que tem sabedoria, mas que, com a intenção de boa hospitalidade, fronteiras, não sabendo “bordar”. Então, esta é uma “faca” que corta o corpo de um nativo que está predisposto a aceitar outro que veio longe de sua terra. Mesmo aos olhos de Edimilson de Almeida Pereira (2019), coisas em que não

podem ser esquecidas são a “capela” e os “navios”, pois, sob os auspícios do poder dos colonialistas portugueses, serviram de ferramentas para penetrar no corpo de conhecimento dos povos aborígenes da África e da América.

Portanto, nessa leitura tridimensional – do contexto – da sobrevivência colonial decolonial, podemos perceber ainda mais como enquanto o resquício da colonização serviu para a construção da visão decolonial, que entendemos pelo nome deste poema pereiriano “motim”.

Segundo Moema Parente Augel (2007), no momento em que esses povos subservientes perceberam o quanto estavam corrompidos, começaram a desafiar a administração colonial portuguesa. A estrutura poética de dois poetas é, em si, como decolonial, a forma de elaboração do pensamento que se desvincula de uma lógica de um único mundo possível e se abre para uma pluralidade de vozes e caminhos, tratando de uma busca por apenas diferença e abertura ao pensamento-outro, rompendo com o cânone literário ocidental.

Por fim, com a mesma intenção de abordar o tema proposto e destacar outro ponto de vista que contribui para a diversidade de pensamento, onde o respeito mútuo é dado e onde o conhecimento dos subordinados não é mais proibido pelos poderes hegemônicos, mas ouvido e aceito por causa de novas reflexões que animam este conhecimento local e cultural. Segundo Eduardo Viveiros de Castro (2018), trata-se de uma antropologia contemporânea, em que o corpo é o lugar onde se situa um ponto de vista. Nunca será aceito que alguém fale por nós. Abre-se uma diversidade de concepções e costumes culturais. A filosofia contemporânea, mudança ontológica, ecologia, estudos decoloniais, tradicionalismo latino-americano, arte, pensamento ocidental, raça, branco, europeu são vistos e fundamentados em temas abordados tanto nos estudos de vertente decolonial quanto na antropologia indígena² contemporânea que se propõe a pensar a nova ordem social.

O processo de especiação, para Viveiros de Castro (2018), é uma nova ordem social. Como ele ressalta, explicar o termo “homem” a uma pessoa é referir-se a “um ponto de vista”, onde se observa a natureza – a ordem objetiva; cultura - sujeito objeto. Na visão decolonial, o visível e o invisível estão ligados, coexistem. Uma pedra na tradição africana, dependendo do local onde se encontra, pode configurar-se como um corpo, que dialoga, que fala, que tem leis, a ordem social.

² Aqui nos referimos à antropologia indígena como aquela praticada pelos povos indígenas, dada a visão de Eduardo Viveiros de Castro, quando nos ensina que a antropologia deve ser entendida como uma forma de tradução cultural, uma teoria prática da permanente descolonização do pensamento, o que implica o reconhecimento da diferença e a autonomia do pensamento indígena.

A pedra torna-se uma entidade com poder indiscutível para os nativos africanos. Como vimos na arte latino-americana, José Alejandro Restrepo, Juan Manuel Echavarría e María Fernanda Cardoso, Jaider Esbell, a pluralidade de caminhos de conhecimento, segundo Claudete Daflon (2022). À primeira vista, é como dizer que a pedra conta uma história. Este é hermético. A própria pedra rompe com a natureza da criação e assume a condição de corpo, forma e conteúdo, matéria e corpo são inseparáveis. Portanto, essa visão jamais dependeria da valorização e validação de outros saberes que pudessem desconectá-la de seu criador.

Enfim, chegamos aqui porque esboçamos o modo como os dois autores retratam em suas poéticas os resquícios coloniais tangíveis que são constantemente desafiados pela abordagem decolonial, em que a valorização de aspectos culturais que representam práticas culturais endógenas são elementos totalizadores da visão desses poetas estudados. Com isso, pretendemos contribuir para a compreensão da coincidência e semelhança poética dos temas poéticos de dois poetas que reivindicam o progresso humano e as liberdades individuais e coletivas das pessoas no mundo.

REFERÊNCIAS

- AUGEL, Moema Parente. **O desafio do escombro: nação, identidades e pós colonialismo na literatura da Guiné-Bissau**. Rio de Janeiro: Garamond, 2007.
- BALLESTRIN, Luciana. América Latina e o giro decolonial. **Revista Brasileira de Ciência Política**, nº11. Brasília, maio - agosto de 2013, p. 89-117. Disponível em: <<https://www.scielo.br/j/rbcpol/a/DxkN3kQ3XdYYPbwwXH55jhv/?lang=pt>>. Acesso em: 02. jul. 2022.
- BISPO, Érica Cristina. **Eternos descompassos...** Faces do trágico em Abdulai Sila. Tese de Doutorado. Tese (Doutorado em Letras Vernáculas) – Faculdade de Letras, Universidade de Rio de Janeiro. Rio de Janeiro: UFRJ/FL, 2013.
- DAFLON, Claudete. **Meu país é um corpo que dói**. Belo Horizonte: Relicário, 2022.
- DJÚ, Eusébio. **Uma terra de reminiscências horripilantes: uma análise da memória coletiva na poética de Odete Semedo/ Eusébio Djú**; orientador: Fabrícia Wallace Rodrigues. 2021. 204f. Dissertação (Mestrado em Literatura) - Programa de Pós graduação em Literatura, Universidade de Brasília, UnB, Brasília, DF, 2021.
- HALBWACHS, Maurice. **A memória coletiva**. São Paulo: Vértice, 1990.
- PEREIRA, Edimilson de Almeida. **Poesia + (antologia 1985-2019)**/ Edimilson de Almeida Pereira; prefácio de Roberto Zular. 1ªEd. - São Paulo. Editora 34, 2019.
- QUIJANO, Anibal. **A colonialidade do saber: eurocentrismo e ciências sociais**.

Perspectivas latino-americanas. Buenos Aires, 2005. Disponível em:

<http://bibliotecavirtual.clacso.org.ar/clacso/sur-sur/20100624103322/12_Quijano.pdf>.

Acesso em: 02 jul. 2022.

RICOEUR, Paul. **A memória, a história, o esquecimento**. Campinas, SP: Unicamp, 2007.

SEMEDO, Odete Costa. **Entre o ser e o amar**. Bissau: Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas (INEP), 1996.

SEMEDO, Odete Costa. Guiné-Bissau: **Histórias, culturas, sociedades e literatura**.

Belo Horizonte: Nandyala, 2011.

SEMEDO, Odete Costa. **No fundo do canto**. Belo Horizonte: Nandyala, 2007. SEMEDO, Odete Costa. **O local da diferença**: ensaios sobre memória, arte, literatura e tradição. São Paulo: Ed. 34, 2005.

SEMEDO, Odete Costa. **Sonéá**: histórias e passadas que ouvi contar II. Bissau: INEP, 2000.

SEMEDO, Odete Costa. **Sonéá**: histórias e passadas que ouvi contar. 1ª Ed. – Bissau: Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas (INEP), 2000.

SIGÁ, Félix. **Arqueólogo da calçada**. Bissau: Instituto Nacional de Estudos e Pesquisa, INEP: Kibur, 1996.

SILVA, Monaliza Rios. A Guiné-Bissau no fundo do canto: o tempo/espço póscolonial de Odete Semedo. **Cadernos Imbondeiro**. João Pessoa, v. 1, n. 1, 2010. Disponível em: <<http://www.periodicos.ufpb.br/index.php/ci/article/download/13515/7674>>. Acesso em: 02 abril. 2022.

TCHEKA, Tony. **Noites de Insônia na terra adormecida**. Bissau: Instituto Nacional de Estudos e Pesquisa, INEP, KEBUR, 1996.

VIVEIROS DE CASTRO, Eduardo. **Metafísicas canibais**: elementos para uma antropologia pós-estrutural. São Paulo: Ubu, n-1 edições, 2018.